

# CARNAVAL E SAMBA NA TERRA DA GAROA

Marizilda de Carvalho

*Este artigo apresenta um breve histórico do carnaval paulistano do início do século XX até meados dos anos 70. Destacando os carnavais do centro e dos bairros do Brás, Barra Funda, Bela Vista, Baixada do Glicério e Lapa, o início e a formação dos principais cordões carnavalescos formados por negros e o nascimento das escolas de samba, assim como as grandes sociedades integradas por foliões da elite e a contribuição dos carros alegóricos para as escolas de samba. Apresenta a elaboração das normas e regulamentos copiados dos estatutos das escolas de samba do Rio de Janeiro.*

## SÃO PAULO, CARNAVAL, HISTÓRIA

## OS PRIMEIROS CARNAVAIS DO SÉCULO XX

Traço aqui um breve histórico do carnaval paulistano do início do século XX até a década de 1970 em São Paulo. A pretensão não é realizar tarefa de historiadora, mas apenas situar as participações populares que constituíram o carnaval nos cotidianos dos bairros, na convivência dos vizinhos, comerciantes, pequenos empresários e artesãos. Assim, até a década de 70, embora houvesse desfiles carnavalescos no centro, o carnaval paulistano acontecia também nos bairros da cidade.

À leva de imigrantes europeus, vindos de diferentes partes da Europa: italianos, espanhóis e portugueses que se radicaram em São Paulo, no início do século XX, acrescentou-se a de libaneses. Uma boa parte desses imigrantes instalou-se em bairros relativamente próximos ao centro, como Consolação, Bom Retiro, Mooca, Brás, Pari, Água Branca e Lapa.

A diversão do povo se dava principalmente nas ruas, promoviam-se festas, as pessoas passeavam durante as noites de verão, colocavam cadeiras na calçada para prolongadas conversas. A igreja indicava as datas da quaresma, o Estado estipulava os feriados e, por ocasião das folias de carnaval, o caos se instaurava na sociedade numa inversão dos comportamentos usuais. O povo brincava a valer saindo às ruas em cordões, ranchos e sociedades, onde a população paulistana, de condição e educação diversas, desfilava.

Como muitas outras festas populares, o carnaval paulistano foi buscar suas origens no batuque das senzalas, na prática de rituais africanos que se misturavam aos católicos. Precursores do samba rural paulista, negros e mulatos reuniam-se principalmente nas rodas de tiririca, uma mistura de capoeira com pernadas que transformaram as festas reuniões em verdadeiros embriões do samba organizado.

O samba, tal como o conhecemos, não nasceu pronto e acabado: o batuque foi o seu primeiro ensaio. A palavra samba parece derivar de “semba” designação africana de umbigada, elemento característico dos primeiros batuques. O povo, porém, ainda hoje usa com frequência, indiferentemente, as palavras samba e batuque.

Em 1910 a cidade de São Paulo possuía três principais núcleos onde se realizavam os festejos carnavalescos: o centro, que abrigava o carnaval dos negros e mestiços; o bairro do Brás, destinado ao carnaval dos imigrantes e a Avenida Paulista, onde desfilava o corso – carnaval das elites –, que foi por sua natureza, uma forma evidente de confraternização social, já que um grupo se exibia e o outro apreciava. Enquanto moças fantasiadas desfilavam em automóveis sem capota, jogando flores, confete e serpentina, o povo se comprimia nas calçadas para saudar os foliões, dançando e cantando, e quem tivesse sorte recebia um jato geladinho de lança perfume.

O jornal São Paulo publicou no dia 5 de fevereiro 1910, em primeira página

Carnaval: Salvé, Momo. Está quebrada a monotonia pesada desses longos dias passados à sombra das conveniências. Ao som argentino das galhofas, cavalcando o corcel da folia, MOMO, chegou.

Pierrot, o eterno mancebo de calções curtos e adaga a cinta, volteia irrequieto como um colibri, colhendo e semeando graças pelos balcões, onde os velhos sorriem chufas, através das Neves das suas longas barbas.

Colombina, filha da graça e irmã gêmea da loucura, abre alas ao cortejo dos prazeres.

Pierrot e Colombina, os convivas ideais desse banquetear de graça e galhofas, ali estão irrequietos frementes de luxúria, cheio de vida para a folia rubra do sonho e do prazer.

## O CARNAVAL DO CENTRO E DOS BAIRROS DE SÃO PAULO

É sobre o bairro do Brás que as notícias dão conta dos primeiros e animados carnavais de rua da época. Em 1907, encontramos notícias de muitos folguedos na fase pré-carnavalesca com mascarados e batalhas de confete acontecendo nos domingos que antecediam o tríduo de momo.

O curso de tradição europeia era o festejo mais importante no bairro, e copiava o modelo dos festejos da Avenida Paulista, que acabara de ser asfaltada.

Foi no ano de 1910 que o “arrabalde do Brás” se firmou como um centro importante da folia na cidade, apresentando um carnaval com grande participação dos habitantes do bairro e adjacências. O curso tratava-se de um passeio feito em automóveis abertos, caminhonetes e caminhões enfeitados com festões de flores de papel, arcos de bambu, bandeirinhas coloridas e recobertas com colchas e tapeçarias. Nesses carros se instalavam famílias numerosas, grupos de amigos, colegas de trabalho, vizinhos, para brincar, a partir das seis horas da tarde. O passeio se iniciava num largo próximo ao Rio Tamanduaí e seguia até a Avenida Rangel Pestana e ao Largo da Concórdia. Ali os carros faziam a volta e retornavam pela mesma avenida até o início do trajeto, encetando-o novamente, sem qualquer interrupção. (SIMSON, 1989, p. 245)

O estrondoso êxito do carnaval do Brás registrava a participação dos “filhos de família”, jovens mascarados, que deixavam os bailes recatados e recheados de formalidades das sociedades “fechadas” do centro de São Paulo, para misturarem-se ao povaréu. Eram duramente criticados pelos colunistas sociais, que registravam: “Rapazes da nossa melhor sociedade têm comparecido, anonimamente, às festas do Brás, onde se diz até, beliscam as italianinhas bonitas”. (CRECIBENE, 2000, p. 18)

O Brás daquele tempo abrigava italianos, espanhóis e portugueses que “formavam uma só família”. As brigas ficavam por conta dos jogos entre Corinthians e Palestra Itália. Antônio Teodósio, palmeirense e antigo zagueiro dos times de futebol do bairro, relatou em entrevista, que os gols eram marcados na própria rua, improvisada em campo de futebol, até a chegada do guarda, que colocava todo mundo para correr. Lembra-se também do tradicional *footing* e do movimento animado da passagem do carnaval na Av. Rangel Pestana e na Rua Caetano Pinto.

O carnaval paulistano na década de dez também se expandiu para os salões de clubes e teatros, como o Colombo, que realizou, em 1910, quatro bailes carnavalescos em que a atração principal foi a exibição da “Corte de Congo”. Cafés-concerto, cinemas e cassinos da cidade, também promoviam festas onde brincavam foliões fantasiados e mascarados, com muito confete, serpentina e lança-perfume.

Os negros moradores nos bairros da Barra Funda, Bela Vista (Bexiga) e Baixada do Glicério, que até então participavam com seus grupos apenas das festas religiosas na capital, começaram, a partir da década de 10, a organizar os cordões para desfilar no carnaval. Os três bairros da cidade guardavam entre si características comuns que precisam ser detalhadas: todos se encontravam relativamente próximos do centro urbano comercial da cidade; cada um deles possuía um bairro elegante limítrofe que fornecia a possibilidade de empregos domésticos com relativa abundância e, por suas características geográficas eram áreas urbanas desvalorizadas, oferecendo, portanto, moradias baratas. (SIMSON, 1989)

O traçado do bairro da Barra Funda permaneceu o mesmo desde o início até hoje: um plano praticamente ortogonal de ruas convergindo para a estação de ferro no fim da Rua Brigadeiro Galvão. A via férrea, que corta o bairro ao meio, acrescenta elementos característicos à sua paisagem: passagens de nível, com suas porteiras e armazéns alinhados ao longo dos trilhos, ruas sem saída, travessas e vilas.

Foi neste ambiente, na Barra Funda, que em 12 de março de 1914, na confluência da Rua Souza Lima com Vitorino Carmilo que surgiu o “Grupo Carnavalesco Barra Funda”. Era composto por dez foliões homens, parentes e amigos que, no folgar carnavalesco, animavam as ruas por onde passavam. Dionísio Barbosa exercia uma liderança importante no bairro da Barra Funda, e devido a suas qualidades de animador recebeu o cognome de “Nhonhô da Chácara”, pois liderava, além do cordão carnavalesco, romarias, piqueniques e outras atividades de lazer para a população negra e pobre da cidade.

Como em toda a história do negro no Brasil, as reuniões e os batuques eram objeto de frequentes perseguições policiais e de antipatia por parte das autoridades brancas. Assim se destacou a liderança do negro Dionísio Barbosa, pois fundou o primeiro cordão carnavalesco em São Paulo, num tempo em que para sair às ruas era preciso muita fibra. (MORAIS, 1978)

O sucesso local do grupo foi crescendo e o cordão aumentou o número de componentes. Por volta de 1918 já participavam cinquenta pessoas, vestindo roupa semelhante: calça branca, que todos tinham, uma camisa verde providenciada pela direção do folguedo e chapéu de palha, vestimenta que acabou originando o apelido dado ao folguedo pelo próprio público “Cordão Camisa Verde”, nome oportunamente trocado por “Camisa Verde-e-Branca” para evitar mal-entendido político.

No vizinho bairro dos Campos Elíseos, a antiga Barra Funda de Cima, surgiu o que foi denominado “Cordão Campos Elíseos”, reunindo um grupo de negros com situação financeira um pouco melhor, dirigido por Argentino Celso Vanderley e reconhecido ofi-

cialmente em 1921. No outro lado da cidade, o “Sítio de Nossa Senhora da Lapa”, passava, no começo do século passado, a chamar-se simplesmente Sítio da Lapa, originando o bairro da Lapa como hoje é conhecido.

O início do carnaval na Lapa se deu quando um grupo de operários se reuniu a comerciantes locais, proprietários de bares e lojas e donos de cinema interessados no desenvolvimento dos festejos no bairro. Fundaram assim o “Clube Carnavalesco Lapeano”, responsável, até o fim da década de 20, pela organização e realização dos festejos de rua. Os operários dedicavam-se com grande antecedência à construção de carros alegóricos para o desfile, trabalhando após o expediente durante os dias úteis e fins de semana em grandes barracões de marcenaria existentes no bairro.

As famílias melhor situadas economicamente começaram a contribuir para os festejos assinando o “livro de ouro”, que nas mãos do tesoureiro do clube, percorria as casas mais abastadas. O fato de não ter sido convidado a colaborar do livro de ouro era encarado como uma espécie de ofensa, o que demonstrava a grande aceitação do carnaval.

O desfile era esperado com ansiedade pela população lapeana, criando-se certo suspense sobre como seriam os carros e as fantasias. Uma semana antes do carnaval o Clube Carnavalesco Lapeano saía às ruas com um grupo de clarins, anunciando o cortejo.

No domingo de carnaval o cortejo partia do final da Rua Doze de Outubro e se dirigia pelas ruas Trindade e Guaicurus até os bairros vizinhos da Água Branca e Pompéia até Perdizes. De lá, retornava à Lapa, chegando iluminado por fogos de bengala ao som do toque de clarins de soldados da Força Pública, especialmente contratados. A volta do cortejo era aguardada pela população local que assistia postada ao longo das ruas principais do bairro.

## AS GRANDES SOCIEDADES

As grandes sociedades, integradas por foliões da elite paulistana, desfilavam pela cidade em carros alegóricos, precedidos por cavaleiros mascarados e ao toque de clarins. Ofereciam doces e chocolates aos convidados presentes após o desfile, em comemoração ao término do préstito. Além dos cortejos de carros alegóricos, eram promovidos bailes carnavalescos nas sedes próprias das sociedades recreativas.

No período entre 1900 a 1910, diversos agrupamentos carnavalescos apresentavam-se com regularidade pelas ruas de São Paulo. Uma das principais sociedades da época foi a do Clube dos Excêntricos, que surgiu em 1904 na Avenida São João, durante partida de truco na escola de dança do professor Chico Vuono. Os jogadores Braz Bifano, seu filho Joanico, professor Chico, Júlio Torres, Pontes e Cândido Poyares, este o primeiro presidente do clube, exibiam suas qualidades de “garganta” sobre uma caixa de querosene.

No ano de 1910, o carnaval dos Excêntricos excedeu a expectativa dos entendidos e foi considerado um sucesso pela imprensa escrita. A comissão de carnaval, representada por Theolindo Aguiar, convidou toda a imprensa da época para uma visita ao barracão na Rua Senador Queiroz, com intuito de mostrar os carros alegóricos e os carros

de crítica, que formaram o préstito da agremiação. O jornal São Paulo, de 9 de fevereiro, assim descreve o desfile: Primeiro carro: “Nascente do Amazonas, no belo trecho Peruano”. Será carregado por uma encantadora mulher, a estandarte da associação; Segundo carro: “Eterna Chama” Um dragão, enrosca o corpo viscoso e esverdeado, a base de um vulcão crepitante, rubro de fogo, prendendo entre as fauces escancaradas um corpo de mulher, rigorosamente trajada; Terceiro carro: “entre ondas de nuvens, Aeroplano a Ble-riot azul e ouro”, as hélices ornamentadas giram com assombrosa rapidez; Quarto carro: “Pagode de Ondina”; Quinto carro: “Paz e Amor”; Sexto carro: “Artistas em Apuros”. Um cupido prepara o tiro, procurando alvejar a fêmea de um terra nova; Sétimo carro: “Um Tronco de Jeguitibás”; Oitavo carro: “Andorinha”; Nono carro: “Convenção de agosto”; Décimo carro: “Bibiano” fecha o préstito, uma crítica ao preto Bibiano, o pastor da igreja militante da rua de Santa Rita.<sup>1</sup>

Terminando o artigo o Jornal São Paulo descreve o resultado da passagem do préstito: “Para o bom efeito produzido pelos carros confeccionados com o máximo gosto artístico, muito concorreu à iluminação dos fogos de bengala, especialmente encomendados pela diretoria do móvel clube”.

Outra grande sociedade de muito sucesso na época foi a dos Fenianos. O barracão sede do grupo carnavalesco, de onde saiu o préstito do ano de 1910, estava localizado na Rua Claudino Pinto, próximo à esquina Carneiro Leão. Foram assim descritos no jornal São Paulo, do dia 9 de fevereiro de 1910, os carros alegóricos do préstito:

Uma guarda de legionários romanos de “Blouses” amarelas e pesados capacetes de aço, abria ao préstito, seguidos o corpo de clarins e uma banda de música. Entre palmas apareceu o primeiro carro de estandarte. Leões em atitude de repouso quedavam-se imóveis no fundo do carro. A gangorra era o segundo carro, rodeado de buquês de rosas e cravos. Alegoria A flora. Um carro de belo efeito. O terceiro a Gruta de Nymphas. Dentro da gruta rodeada de estalagmites, a deusa daquele verdadeiro ninho de amor. Um retumbante Zé Pereira fechava o préstito ensurdecendo o povo com as notas agudas de um instrumental rebelde à batuta do maestro.<sup>2</sup>

Ainda existiam na época outras sociedades, como “Tá Bom Deixe”; “Tenentes de Plutão” (barracão localizado na Rua da Imperatriz, atual 15 de Novembro); “Os Democráticos” (barracão entre as ruas São Bento e Florêncio de Abreu); “Girondinos” (barracão na rua da Imperatriz, sobre o café do mesmo nome); “Galopins” (barracão nas ruas Direita e Quintino Bocaiúva e “Tenentes do Averno” (barracão na rua Direita).

As grandes sociedades tiveram sua época de sucesso para o qual colaboraram os chamados técnicos, hoje carnavalescos, figuras exponenciais do carnaval paulistano.

Resta acrescentar que a festa sempre se transforma, as sociedades deixaram um legado na própria evolução da manifestação cultural. Sucederam-lhes os carnavalescos à frente das atuais escolas de samba.

## OS CORDÕES, RANCHOS, BLOCOS E ESCOLAS DE SAMBA PAULISTANAS

A década de 30 constitui-se a melhor época para os cordões, ranchos e blocos carnavalescos. Os cordões eram agremiações de inspiração banta, vinda dos cucumbis. A caracterização do ritmo dos cucumbis era considerada triste e enfadonha, saíam por ocasião da festa de Nossa Senhora do Rosário ainda nos tempos coloniais. Com uma coreografia linear, os cordões durante os seus desfiles apresentavam marchas, choros e sambas. O ritmo da marcha era usado para caminhar. Quando o cordão parava, o conjunto de choro se exibia em outros ritmos. Posteriormente os cordões passariam a cantar, além das suas próprias composições, músicas gravadas em discos. Para apresentação nas ruas da capital, os responsáveis pelo grupo realizavam muitos ensaios com acompanhamento dos batuqueiros.

Wilson Rodrigues de Moraes acrescenta que

há grande possibilidade de que, em seus primórdios, os Cordões tenham recebido contribuições de outras danças e de folguedos folclóricos, os quais uma vez absorvidos, foram depois transformados e transmitidos às Escolas que juntamente com o samba-de-pirapora, o tambu e a congada de São Paulo refletem uma preferência pela coreografia linear. Quanto, especificamente, à congada, lembro que pode muito bem ter sido ela a inspiradora dos reis, das rainhas e demais personagens da corte incluídos nos cordões. Não devemos nos esquecer que o bumbo ou a zabumba são encontrados no instrumental das congadas. (MORAIS, 1978, p. 127)

Os ranchos formaram-se a partir da junção dos ternos de reis nordestinos com os blocos e cordões, e mais tarde originaram o que viriam a serem as Escolas de Samba. Os ranchos paulistanos guardavam certa semelhança com os cordões, porém com supremacia dos instrumentos de corda, em geral violão e apenas um ou outro surdo para a marcação.

Os blocos eram considerados desorganizados e briguentos. As primeiras alas chamadas de baianas eram formadas por homens vestidos de mulher porque em suas amplas saias escondiam armas.

Os cordões em São Paulo somavam mais de vinte grupos que deram contribuição decisiva para a consolidação do carnaval de rua. Como o bairro do Bexiga não era densamente ocupado, guardando áreas ainda desabitadas, havia muitos espaços que eram aproveitados para a prática do futebol de várzea. A associação entre a atividade carnavalesca e o time de futebol de várzea parece ter sido a regra entre as entidades paulistanas, persistindo até os dias atuais.

Os jogos de futebol eram geralmente realizados aos sábados à tarde e quando um time vencia, no baile que acontecia na mesma noite era tocada uma valsa especial para ser dançada apenas pelos jogadores com seus pares prediletos.

E assim, a rivalidade entre clubes de futebol acabava provocando o nascimento de cordões na capital. Por volta de 1930 existia na Rua Marques Leão um clube de futebol chamado Cai-Cai, logo surgiu outro rival, inclusive no nome, o Vae-Vae.

O grupo do Bexiga era afeito a representar elementos da Corte Imperial em suas fantasias e, influenciados pelo apogeu da economia cafeeira, adotaram como símbolo uma coroa circundada por um ramo de café. Nasce assim oficialmente, em 1º de janeiro de 1930, o “Cordão Carnavalesco e Esportivo Vae-Vae”, denominação que perdurou até 1972, quando se transformou em Grêmio Recreativo Escola de Samba Vai-Vai.

Naquela época o Vai-Vai desfilava com 120 pessoas aproximadamente, vestidas de branco-e-preto, estando o pavilhão ou estandarte sob a responsabilidade de Dona Iracema. Mais tarde apareceria no cordão o “reinado”, nome dado ao conjunto de personagens de corte.

Os cordões não desenvolviam enredos, tal como se conhece atualmente. Utilizavam um tema simples objetivando, principalmente, uma motivação para as suas fantasias. O primeiro tema do desfile do cordão do Vai-Vai foi “Os Marinheiros”.

Os cordões eram formados por famílias e neles atuavam os pais, filhos, sobrinhos e outros parentes, quando o parentesco não era de sangue era de compadrio. As pessoas da família que não participavam diretamente do cortejo acompanhavam o seu cordão a noite toda, muitas vezes levando lanche, água e café para os componentes.

Na década de 30, registrou-se também a presença de outros ranchos: “Diamante Negro, na Rua Teixeira Leite; “Príncipe Negro”, na Rua das Flores (hoje Rua Silveira Martins); e os “Moderados” da Lapa. Os temas de desfile: “Pérolas”, “Madame Butterfly”, “Inferno de Dante”, etc.

No bairro do Brás foram registrados, no ano 1935, com sucesso estrondoso no domingo de carnaval, as “Batalhas de Confete”, promovidas pelo CPCC (Centro Paulista dos Cronistas Carnavalescos) e oficializadas pela comissão de carnaval de 1935.

O desfile dos ranchos e blocos constituíram-se pontos-alto do desfile de carnaval de 1935. Os premiados foram: em primeiro lugar, Os Tenentes do Diabo prêmio para o conjunto, e o Vae-Vae em harmonia; classificando-se em segundo, os Inocentes; e, em terceiro lugar, os XI Caveiras.

No bairro do Bom Retiro, na Rua José Paulino, no mesmo ano, aconteceu uma batalha de confete, como registrada no jornal a Platéia de 11 de fevereiro de 1935. Descrevendo como um acontecimento empolgante que conseguiu atrair uma multidão pessoas, para assistir os blocos, ranchos e cordões.

A Comissão Oficial do Carnaval Paulista de 1935 disponibilizou cerca de trezentos e vinte contos de réis para a propaganda do carnaval paulista para o desfile.

O Clube Espéria realizou em 1935 o banho à Fantasia, nas águas do Rio Tietê. O Senhor Orlando Della Nina, presidente da comissão organizadora descreveu o evento para o jornalista do A Platéia do dia 23 de fevereiro de 1935:



Como é sabido os nossos clubes esportistas, vão dar aos paulistanos, o espetáculo inédito de um formidável carnaval aquático. Nosso rancho composto por mais de 100 pessoas vai levar o terror às águas históricas do Tietê, ou seja, o sagrado Anhamby, que se trata de um bando terrível de piratas. À frente desse bando seguirá nosso estandarte de guerra com sua guarda de honra, a cavalo e trajados em homenagem aos piratas deste século com fraque e cartola.

Nesta época surgiu aquela que foi a primeira a utilizar a denominação escola de samba, chamada de “Escola de Samba Primeira de São Paulo”, fundada no bairro da Pompéia, era liderada por Elpídio Faria e sua sede ficava à Rua Conselheiro Brotero, 420. Sua primeira aparição em público deu-se na Praça do Patriarca, na noite de 31 de dezembro de 1935, no entanto durou pouco tempo, extinguindo-se em 1942, tinha como porta-estandarte Hermínia Costa, e contava com pequeno número de componentes para defender suas cores: vermelho, preto e branco.

No dia 9 de fevereiro de 1937, um grupo dissidente do Bloco das Baianas Paulistas, também chamado de Baianas Teimosas, formou a Escola de Samba Lavapés, hoje a mais antiga entidade carnavalesca paulistana a denominar-se escola de samba. Entre seus fundadores encontramos Francisco Popa, Eunice Ferraz Campos e outros.

Antes que se cristalizasse o conceito de samba de enredo (entendido como o samba de cuja letra extraem-se os elementos que estruturam o desfile) as escolas escolhiam determinados temas como motivo do desfile que eram chamados de sambas-temas.

No carnaval de 1938, o Jornal Diário Popular publicou os acontecimentos das folias de momo, registrando o oferecimento da Taça Diário Popular ao melhor grupo carnavalesco daquele ano, as festividades na Cidade da Alegria<sup>3</sup>, bem como a proibição da participação de menores de idade nos blocos, ranchos e cordões carnavalescos.

Grande desfile de cordões, ranchos e blocos, realizado no largo da Liberdade, em homenagem ao Estado de São Paulo e Diário Popular. A grande massa popular que afluiu ao local dos festejos vibrou de entusiasmo quando surgiram os cordões, blocos e ranchos, demonstrando toda invejável disciplina e perfeita harmonia no canto.

A Taça Diário Popular foi conquistada pelo “Rancho dos Geraldinos”, um “excelente conjunto de verdadeiros carnavalescos e que se apresentou com extraordinária correção”.

No início da década de 40, o carnaval paulistano foi prejudicado em consequência da 2ª Guerra Mundial e o desânimo do povo, em consequência, refletiu-se nas ruas.

No jornal o Estado de São Paulo, do dia 17 de fevereiro, o jornalista descreveu o carnaval da cidade no ano de 1942.

Diversos fatores contribuíram para a frieza deste carnaval. Aí está a guerra com suas consequências, felizmente remotas sobre nossa existência de cada dia. Por outro lado houve grandes mudanças nos costumes. Há vinte anos o carnaval era no triângulo, a cidade tinha 800 mil habitantes. Com o desenvolvimento dos bairros, cada um passou a ter seu próprio carnaval, o Brás, a Penha, a

Lapa, Santana entre outros. O centro tornou-se uma espécie de ilha comercial, onde à noite o comércio se fecha. Já não há mais velhas sacadas cheias de moças e rapazes e a alegria paulistana parece ter desaparecido.

A grande divulgação do samba proporcionou algum impulso às escolas de samba e os cordões substituíram as marchas, desfilando no ritmo que se impunha. Porém, mesmo com a prosperidade das agremiações e o apoio oficial, o carnaval acabava se restringido aos bailes organizados pela elite, como o do salão Colombo e do Cassino Antarctica. O povo ficava quase sempre à margem da brincadeira, por conta do alto custo e da exploração do comércio, que aplicava preços abusivos, afastando a cada ano os menos favorecidos das festividades.

O carnaval de fato estava mudando e alguns jornalistas apregoavam sua morte. O que aconteceu na década de 40, foi que ele mudou de endereço, do centro da cidade para a periferia. Era a descentralização. Enquanto a animação morria nas ruas centrais ia-se solidificando sua hegemonia pelos bairros.

Nos fins da década de 40, dos lados da Vila Matilde e Vila Esperança, um grupo de amigos se reunia para brincar no carnaval e jogar tiririca. Entre eles estavam Alberto Alves da Silva (Nenê)<sup>4</sup>, Paulistinha, Agenor, Tôquio e Julião. Em 1949, no largo do Peixe, resolveram fundar uma escola de samba que acabou sendo conhecida como a escola do Nenê, A Escola de Samba Nenê da Vila Matilde. Esta não fugiu à regra, e na sua constituição comparecem elementos dos cordões: em seus primeiros desfiles levava estandarte e, à frente, os balizas. Não havia nenhum instrumento de choro ou de sopro, somente de percussão.

Além de desfilar pelo bairro, a Escola de Samba Nenê de Vila Matilde fazia questão de participar dos desfiles que aconteciam no centro da cidade, em um dos três dias dedicados à folia de Momo.

O carnaval de 1955 marcou uma nova fase na folia paulistana. O Parque do Ibirapuera, inaugurado à época do IV Centenário da cidade de São Paulo, tornou-se o centro das atenções no período de Momo, e assim o local foi escolhido para o desfile das agremiações carnavalescas.

Em 1955, segundo Inocêncio Tobias, o cordão “Camisa Verde” resolveu inovar e introduziu o ritmo de samba no seu batuque, o cordão “Vai-Vai” “fez o mesmo e o ritmo de marcha foi definitivamente abandonado pelos cortejos carnavalescos da capital paulista.

A emissora Record promovia os “Concursos de Resistência Carnavalesca”, que premiava o casal que dançasse mais horas ininterruptamente, criticados por muitos dos que assistiam ao “massacre em ritmo de marcha”.

Com o golpe militar de 1964, ocorreram muitas restrições às manifestações populares. Os blocos e as escolas de samba só podiam desfilar com autorização especial e de posse do competente alvará. Até 1967, os desfiles das escolas de samba e cordões

ainda dependiam do patrocínio de jornais, emissoras de televisão e clubes de lojistas de bairros.

A partir do carnaval de 1968, durante a administração do Prefeito José Vicente Faria Lima, os desfiles das escolas de samba e cordões passaram a contar com a promoção da Secretaria de Turismo da Prefeitura de São Paulo. É de se notar que o prefeito não colocou em dúvida sua disposição de auxiliar os grupos carnavalescos, apenas exigiu a existência de entidades instituídas formalmente, de modo que, assim, pudesse fornecer ajuda financeira às escolas cujos estatutos estivessem regularmente estabelecidos.

Os sambistas conseguiram organizar a Federação de Escolas de Samba, Blocos e Cordões para conquistar a prometida promoção oficial.

Não havia, até aquela época, nenhum estudo sobre as características das escolas de samba de São Paulo. O caminho seria realizar um levantamento das entidades paulistanas, como ponto de partida para qualquer documento oficial, e, em seguida, redigir os estatutos. Porém, o desejo, tanto por parte das autoridades como dos sambistas, de ver a referida medida adotada logo para o ano de 1968, fez com que os acontecimentos seguissem um curso demasiadamente rápido. O resultado foi a elaboração de normas e regulamentos copiados dos estatutos das escolas de samba do Rio de Janeiro, que gozavam de prestígio internacional. (MORAIS, 1978, p. 40)

Podemos então perguntar: por que os sambistas aceitaram pacificamente essas normas, uma vez que elas representavam uma alienação às tradições carnavalescas paulistanas? Para os dirigentes das agremiações o reconhecimento oficial, as verbas para montagem de seus desfiles, bem como a relativa liberdade de diversão de sua comunidade, representavam uma nova carta de alforria, os “detalhes” ficariam para depois, esses “pormenores” seriam insignificantes perto da marginalidade em que o samba paulistano vivia. Assim é que, a partir do carnaval de 1968, as escolas de samba paulistanas passaram a ser estruturadas de acordo com o modelo carioca.

Os balizas foram relegados em favor da comissão-de-frente; o estandarte definitivamente substituído pela porta-bandeira acompanhada por mestre-sala, e tornou-se obrigatória a presença das baianas. O enredo assumiu importância vital, passando a definir toda a montagem do desfile. A expressão “ala” torna-se comum para designar um grupo de componentes representando parte do enredo, a denominação “bateria” passa a substituir a de batuque para o conjunto instrumental. Ficou definitivamente abolida a participação de qualquer instrumento de sopro na parte musical.

Na época houve muita discussão, principalmente através dos jornais, referindo-se ao fato de que “estavam acabando com a cultura popular paulistana”, e culpava-se a incompreensão das autoridades para com as coisas do povo.

O carnaval paulistano, através do Decreto 9051/70, assinado pelo prefeito Paulo Maluf, passou a ser incluído no calendário oficial de eventos a partir do mesmo ano.

Em 1971 aconteceu o último desfile dos tradicionais cordões carnavalescos paulistanos, dando lugar, a partir de 1972, ao domínio absoluto das escolas de samba.

Com desfiles concentrados no Vale do Anhangabaú, sua crescente organização e o aumento da massa de expectadores, o espaço tornou-se pequeno e o palco de apresentações dos artistas anônimos foi transferido novamente, em 1973, para a tradicional Avenida São João.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O carnaval paulistano constituiu-se, até então, de folia despreocupada: corso, batalhas de confete, banho a fantasia nas águas do Anhambi, cordas delimitando as escolas iluminadas por fogos de artifício que exalavam um cheiro forte de enxofre, tempo que se perdeu no tempo, mas ficou registrado na memória dos que ainda o presenciaram ou dos autores que documentaram o carnaval de outrora.

Expressão legítima da cultura popular urbana, as escolas de samba de São Paulo encontram suas raízes nos cordões carnavalescos, surgidos no início do século. Muito embora tenham caído no gosto popular, foi só a partir dos anos 70 que as escolas de samba passaram a ser a principal atração do carnaval paulistano. Assim, do terreiro ao sambódromo, há um saldo de muito samba e fantasia.

Ao longo dos últimos setenta anos as escolas de samba atravessaram períodos de autoritarismo, ditadura militar e democracia. Retratando o regime, fizeram sátiras à sociedade, críticas à política, atendendo ou não às expectativas do governo, adequando sua arte ao desenvolvimento econômico e social da nação, e evoluíram, seguiram tendências estéticas, sofreram inclinações musicais, oferecendo ao público um espetáculo único que José Ramos Tinhorão chamou de ópera-balé ambulante, na medida em que cada desfile, sempre ao ar livre, tem um enredo desenvolvido através de uma música, do canto e da dança, com carros alegóricos ilustrativos e fantasias criativas. (TINHORÃO, 1975)

Alimentadas pela fantasia de um carnaval imaginário, as escolas de samba paulistas se misturariam entre “Arnestos, Adonirans e Vanzolinis”, os viventes de uma cada vez mais desvairada paulicéia, comedores de torresmo à milanesa, anônimos passageiros dos trens das onze, moradores dos subúrbios e periferias traduzindo toda a riqueza da cultura popular paulistana, e em especial a do samba da garoa.

## NOTAS

- 1 O préstito, composto por dez carros, percorreu o centro da cidade obedecendo ao seguinte itinerário: Rua Senador Queirós (barracão) Brig. Tobias, Travessa Beneficência Portuguesa, Conceição, Barão de Itapetininga, Direita, 15 de novembro, Rosário, Boa Vista, São Bento, Praça Antônio Prado, José Bonifácio, Quintino Bocaiúva, Marechal Deodoro, Largo da Sé, Floriano Peixoto, Carmo, Palácio (atual Páteo do Colégio), Anchieta, São Bento e Paraíso. (jornal São Paulo, 9 de fevereiro de 1910)
- 2 Segundo Haroldo Costa, em seu livro *100 Anos de Carnaval no Rio de Janeiro* o personagem do Zé Pereira foi pela primeira vez representado pelo comerciante José Nogueira de Azevedo Paredes, que, no carnaval de 1846, comprou um bumbo e saiu pela cidade tocando e cantando polcas e maxixes, gêneros musicais da época. Fez tanto sucesso que virou personagem do teatro musicado. Nos anos seguintes, grupos semelhantes

espalharam-se pela cidade.

- 3 A “Cidade da Alegria” era localizada às margens do Rio Tamanduateí, no recinto da antiga exposição do cinquentenário da imigração, em uma área de 150 mil metros quadrados, cedida pela Companhia Antártica. Foi transformada para tornar-se num local destinado a feiras, exposições, onde foi instalado um parque de diversões e circo, conhecido da cidade de São Paulo como Parque Shangai.
- 4 Alberto Alves da Silva, metalúrgico, filho de um carioca da Mangueira que veio para São Paulo trabalhar na ferrovia. Viúvo e pai de três filhos orgulha-se de ter conseguido o primeiro subsídio da Prefeitura de São Paulo, em 1967. Senhor Nenê foi o criador da bateria mais ousada do carnaval paulistano; com toques de maracatu, pontos de terreiro e samba de morro carioca, Nenê por muito tempo se distinguiu do ritmo italianado, pesado e apressado que marcava as demais escolas paulistanas. Folha de São Paulo, 12/02/94. Caderno Especial, Carnaval pág. A-3

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Haroldo. *100 anos de carnaval no Rio de Janeiro*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001.
- CRECIBENI, Nelsinho. *Convocação geral: a folia está na rua*. São Paulo: O Artífice, 2000.
- MORAIS, Wilson Rodrigues de. *Escolas de samba de São Paulo*. 1º volume. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humana, 1978.
- SIMSON, Olga R. M. Von. *Carnaval em branco e preto: carnaval popular paulistano*. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1989.
- TINHORÃO, José Ramos, *Pequena história da música popular brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1975.

---

**Marizilda de Carvalho** é Mestre em Comunicação Social pela Universidade Paulista, pós-graduada em Administração Hoteleira pelo SENAC e graduada em Turismo pela Universidade Anhembi Morumbi.

